

HENRI PIRENNE*

Fernand Braudel

Não escapou, certamente, à vasta legião dos intelectuais, unida por cima das fronteiras políticas, a pequena notícia de poucas linhas publicada a 25 de outubro nesta última página do *Estado*, sempre vibrante de ecos do mundo inteiro: morrera Henri Pirenne. Desaparece com ele, não somente o magnífico artífice dessa “História da Bélgica” que teve a felicidade de terminar no fim da vida, tão vigorosa e densa, mas ainda o maior historiador de expressão francesa e direi mesmo de bom grado, o maior historiador da atualidade. Num tal juízo, evidentemente subjetivo, não entra, como é de imaginar-se, nenhuma exaltação nacionalista. O acaso fez, de resto, nascer Henri Pirenne, mestre da língua francesa, que foi seu instrumento de trabalho, fora das fronteiras da França, em Verviers, pequena localidade do Wallon belga, não longe de Liège: e, por sua atividade social e sua obra intelectual, permaneceu ele fiel a sua terra. Mas, será permitido, em questões dessa ordem, referir-se a nacionalismos? Coloco e sempre coloquei Henri Pirenne no mesmo plano excepcional que Mommsen ou Fustel de Coulanges e, hoje, que muitas mãos paulistas vão, em sinal de homenagem, procurar nas prateleiras das bibliotecas as obras do insigne morto,

* *O Estado de S. Paulo*, 24 de novembro de 1935.

não me parece extemporâneo, dada a afeição que lhe devoto relembrar o que ele foi e ainda representa.

* * *

Conheci o homem. Infelizmente pouco e rapidamente. Mas era desses que, tão nítidos e abertos, se compreendem já no primeiro encontro e nunca mais se esquecem. Fixou-se em mim com precisão, sua silhueta, como se fixam sua fisionomia, sua maneira luminosa de abordar os problemas, sua conversação animada e simples mas sempre succulenta. No café, em volta da mesa, no meio do barulho dos *chops* entrechocados, no abandono da discussão, muito se aprendia ao ouvi-lo. Era de uma simplicidade perfeita, de uma espontânea cordialidade, de uma mocidade que parecia imperecível e impedia-se imaginar-se vir-lhe a existência de tão longe, desse ano de 1862, em que nascera entretanto. Revejo-o, numa dessas conversações, feliz da companhia dos novos amigos, historiadores que só conhecera até então pelos trabalhos impressos. Alegre, a cabeça levemente inclinada para trás, os olhos semi-cerrados, dizia, com voz cheia e sem maldade, palavras espirituosas ... Vejo-o, porém, melhor, numa universidade da França de além mar, onde o chamara para professor, em obediência ao programa de intercâmbio universitário, um de meus colegas e amigos. Sua presença produziu o efeito de um explosivo. Os estudos de História, já não digo sonolentos, mas certamente sossegados e tranquilos, viram-se agitados com a sua chegada. Mais de mil pessoas enchiam a sala da conferência. Diante do auditório, Pirenne, um pedaço de papel entre os dedos, talvez um cartão de visita, pôs-se a falar com sua voz cheia: descia e subia o caminho do tempo, discutindo consigo mesmo, entusiasmando-se com espantosa facilidade, pescando expressões e argumentos imprevistos, com essas frases robustas e flexíveis que fazem o encantamento de seus livros. E não pensem que fossem fáceis os assuntos abordados. Reportavam-se aos mais austeros problemas da História Medieval. “Mas então é isto a História, exclamava o público, pois não é a erudição, simples instrumento, nem os fatos e gestos dos grandes da terra – essa história que participa da arte – mas a própria vida” ... Esta cena se passava numa cidade do mediterrâneo, em Argel, tão jovem quanto São Paulo, embora menos movimentada, num país que é uma nova

França, de coordenadas bem diversas, largas, e onde, por isso mesmo, se respira um pouco desse ar dos países novos, encantamento profundo – alegria, imensidade, esperanças – do Brasil como da Argélia. Os homens da capital argelina são também formados na escola de uma existência singularmente ativa e rica em múltiplos ensinamentos ... Ora, trazia-lhes justamente Pirenne a imagem de uma Idade Média bem viva e compreensível. Os homens que evocava também se viam às voltas com realidades tangíveis, questões de transportes, problemas de salários, vida cara, construção de novas cidades... Não eram personagens de vitral ou miniaturas, de aspecto irreal o mais das vezes, mas apenas homens que trabalhavam, pensavam, revolviavam a terra, abriam clareiras na floresta e roças para suas aldeias e prados e campos de trigo para o excedente de sua população... Embora sem recorrer às fortes e românticas visões de um Michelet, Pirenne tornava o passado extraordinariamente vivo. Dele falava como de um país que acabasse de visitar, onde tivesse deixado amigos e recordações, colhido observações e tudo compreendido. Entre o mundo de outrora e o de hoje estabelecia não raro comparações. Pois não permanecia o homem sempre o mesmo, através do tempo e do espaço, com as mesmas regras fundamentais de ação? Ouvi-o dizer: “As cidades novas da Idade Média? mas eu só compreendi ao contemplar as ‘boom towns’ da América ...” Não é certo, técnica a parte, que nas Europas novas, as que deitaram raízes, como o Brasil, numa zona absolutamente inédita, ou, para ser mais exato, apenas marcada pelo esforço do homem, a História recomeça com os seus mesmos gestos e problemas e as mesmas etapas que nos países denominados velhos? E não é certo que aí o presente vivo ilumina, inunda de luz, o passado? No Brasil mesmo, a luta contra a árvore, o crescimento das cidades, o desenvolvimento da imprensa, ou a organização do ensino – cito ao acaso os problemas – seguem numa rapidez de sonho, as estradas antigas ...

* * *

Mas não quero parafrasear Pirenne a pretexto de melhor evidenciar o segredo de sua técnica intelectual. O homem, incomparável nos livros, o era ainda mais na conversação. Os leitores de sua obra apenas poderão imaginar o encanto de seu pensamento falado. Ele era sobretudo reconfortante. E sua ação, tão forte sobre os

historiadores profissionais quanto sobre os mais obscuros ouvintes. Ao escutá-lo readquiria-se confiança e esta, é indispensável, como a fé, ao nosso trabalho, mais penoso e sem dúvida mais estóico do que imaginam os leigos. Relendo-o, e principalmente ouvindo-o, readquiri muitas vezes confiança e por isso não estranho a anedota que contava uma de suas estudantes, da extremidade de uma mesa oficial em que se encontravam reunidos, em Paris, historiadores belgas e franceses. O *Estado* mesmo relatou as circunstâncias que lhe valeram dois anos de prisão, durante a guerra, num campo de concentração alemão. Pirenne, professor *in eternum* ensinou aos companheiros de cativeiro a história da Idade Média, entusiasmandos, inclusive muitos que não passavam de simples operários. Soube vivificar, para eles, esses Clodomiros e Clotários empoeirados dos manuais clássicos. E eis a anedota, que conto naturalmente mal por já se achar bastante afastada de minha memória, mas que conto por que ignoro se figura nas narrativas publicadas por Pirenne sobre o seu cativeiro. Fôra, em todo caso, tão forte a impressão deixada por ele na memória de seus ouvintes que anos mais tarde, um deles, dos mais simples e modestos, dava ao filho o nome de um desses personagens medievais, arcaicos, engraçados e mesmo um tanto ridículos hoje, que o mestre ressuscitara... Apraz-me lembrar este êxito de Pirenne. Inteligível e luminoso para todos ao mesmo tempo...

Ser-me-á permitido trair um segredo? As autoridades paulistas haviam estudado a possibilidade de, no próximo ano, solicitar a colaboração de Henri Pirenne. Estou certo de que teria vindo de bom grado ou ensinar na jovem faculdade de São Paulo e que, para ouvi-lo e aplaudi-lo, o público se mobilizaria sozinho. Espero que tenha tido conhecimento do projeto antes de sua última viagem pois lhe teria dado a alegria de uma tal oportunidade de *dépaysement* comportava para sua curiosidade inteligente... E o desejo, principalmente, por que a vida se lhe tornara atroz, no decurso dos últimos anos, em que perdera os filhos, um depois do outro.

* * *

Mas afastemos estas sombras. Tomemos-lhes os livros para contemplá-lo no seu raciocínio otimista, na sua alegria de viver e compreender, como convém vê-lo agora e como o veremos doravante. Não quero enumerar todos os seus trabalhos,

desde os primeiros até as célebres e consideráveis “Cidades da Idade Média”, o artigo recente publicado pelos *Anais de História Econômica e Social* ou ainda as páginas curiosas sobre a vida econômica da Europa da Idade Média. Aos meus estudantes, pelo menos, aos que me parecem maduros para as pesquisas históricas, aconselho sempre a leitura, nesta ordem, das “Etapas Sociais do Capitalismo”, da “História da Bélgica” e das “Cidades da Idade Média”, de minha confessada preferência. Mas aconselho-os a ler também tudo o que puderem encontrar do historiador belga. Pois há sempre interesse em ouvi-lo ou lê-lo.

Falarei apenas do pequenino livro sobre as cidades medievais, cuja edição francesa foi publicada pela livraria Lamerlin: um pequenino livro que se lê num dia mas representa, sozinho, uma inteira viagem às origens da velha Europa, isto é, desse mundo ocidental que emerge tão penosamente das ruínas de Roma. Em poucas páginas consegue Pirenne, não apenas esboçar o quadro do declínio romano, mas pôr em evidência a seguinte e profunda equação: Roma não pode viver senão pelo livre jogo do tráfico Mediterrâneo. Sua civilização é impossível sem o *Mare Nostrum*. Ora, as invasões do século V não quebraram a unidade econômica do mundo mediterrâneo: *barbarizaram* o ocidente mas não o desprenderam da atmosfera romana. Nas terras em que acampam Vândalos e Godos, Burginhões e Francos, Roma continua para além do século V. O Mediterrâneo só é cortado pelas invasões árabes dos séculos VII e VIII, tornando-se a sua bacia ocidental um lago muçulmano. Logo nasce uma nova ordem de coisas, que se organiza nas malhas do regime feudal e se reflete na economia primitiva. As cidades são então, espantosamente “magras”, prisioneiras de suas muralhas estreitas. Para que cresçam e espalhem seus arrabaldes para além dos antigos recintos habitados, será necessário que o Mediterrâneo, carreador de riquezas, se abra novamente ao tráfico cristão, o que só se dará depois do choque vigoroso das Cruzadas. Então, nos séculos XII e XIII, as cidades estouram, fervem, florescem. E o livro de Pirenne descreve, no seu ocaso, essa primavera urbana, rica de *seiva nova*.

Oh! Caro e grande Pirenne!